

VIRTUDE E PERSUASÃO NA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA, UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O *ETHOS*. Fernanda Facundes, César Augusto Mathias de Alencar. Universidade Federal do Pará, fernanda.santos@ifch.ufpa.br, cesar.alencar@unifap.br.

Resumo: O presente trabalho investiga a relação entre virtude e persuasão na filosofia aristotélica, tomando como problema central a construção discursiva do *ethos* do orador e sua relação com o caráter moral. Na Retórica, Aristóteles apresenta três meios de persuasão (*pisteis*) produzidos pelo discurso: *logos*, *pathos* e *ethos*. Este último ocorre quando o discurso é formulado de tal maneira que torna aquele que fala digno de confiança perante o auditório. Nesse sentido, o caráter assume uma função propriamente persuasiva, uma vez que a confiança depositada no orador pode interferir no julgamento acerca daquilo que é apresentado. Diante disso, o problema que orienta esta investigação consiste em compreender em que medida o caráter construído discursivamente precisa corresponder ao caráter moral efetivo daquele que fala. O objetivo é investigar como Aristóteles concebe a construção discursiva do *ethos* do orador e examinar sua relação com o caráter moral. Para isso, parte-se da concepção aristotélica de caráter apresentada na “Ética a Nicômaco”, especialmente da relação entre virtude (*arete*), disposição, escolha e prudência (*phronesis*). Busca-se compreender em que sentido um agente pode ser considerado virtuoso e como seu caráter se constitui a partir de disposições relacionadas às ações e escolhas. Em seguida, a análise volta-se à Retórica, sobretudo à caracterização do *ethos* enquanto prova produzida pelo discurso. Em Retórica II, Aristóteles identifica *phronesis*, *arete* e *eunoia* como causas pelas quais os oradores se tornam dignos de confiança, estabelecendo uma relação entre persuasão e manifestação discursiva de determinadas qualidades daquele que fala. A hipótese sustentada é que o *ethos* enquanto prova retórica não pode ser simplesmente identificada com o caráter moral enquanto disposição do agente. Embora Aristóteles mobilize conceitos pertencentes à sua filosofia prática para caracterizar a credibilidade do orador, a manifestação discursiva de prudência, virtude e benevolência não parece garantir, por si mesma, que aquele que fala possua efetivamente essas qualidades como disposições de caráter. Surge, assim, uma tensão entre ser virtuoso e apresentar-se discursivamente como alguém digno de confiança. Pretende-se, por fim, demonstrar que a análise do *ethos* permite compreender tanto uma aproximação quanto uma distinção entre ética e retórica no pensamento aristotélico. A construção da credibilidade do orador coloca em questão se a eficácia persuasiva do *ethos* depende da virtude efetiva daquele que fala ou da capacidade do discurso de torná-la manifesta perante o auditório.

Palavras-chave: Aristóteles, *ethos*, retórica, virtude, persuasão.